

Ensino e Autonomia: Análise do Desenvolvimento de Aspectos das Metodologias Ativas na Formação Docente em Sociologia

Teaching and Autonomy: Analysis of the Development of Aspects of Active Methodologies in Teacher Education in Sociology

Joana Elisa Röwer¹, Luizinho Jorge Cá², José Manuel Mussunda da Silva³ e Lucas Eduardo de Sousa⁴

1. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS (UFSM). Professora adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, CE (UNILAB).

2. Bacharel em Humanidades e Licenciando em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, CE (UNILAB).

3. Bacharel em Humanidades e Licenciando em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, CE (UNILAB).

4. Bacharel em Humanidades e Licenciando em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, CE (UNILAB).

joanarower@unilab.edu.br

Palavras-chave

Formação docente
Metodologias Ativas
Sociologia

Keywords

Teacher training
Active Methodologies
Sociology

Resumo:

Tema: As metodologias ativas são uma modalidade de ensino que proporciona o desenvolvimento da autonomia, da reflexão, da resolução de problemas, do trabalho colaborativo, do engajamento e da cooperação, tendo o estudante como o centro da aprendizagem e o docente como um mediador no processo da aprendizagem. Contudo, defende-se que esses aspectos das metodologias ativas devem ser experienciados nos processos formativos de docentes. Contexto: O contexto da pesquisa foi o curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), *Campus* de Redenção, CE. Objetivo: O objetivo desta pesquisa constituiu-se em identificar em que medida os estudantes do curso de licenciatura em Sociologia percebem aspectos das metodologias ativas em seu processo formativo, por meio de um olhar sobre si e sobre os docentes. Método: Pesquisa quantitativa com uso de questionário. Resultados: Os resultados apontam que os estudantes sentem em seu processo formativo o desenvolvimento de aspectos das chamadas metodologias ativas no que se refere à aptidão para a resolução de problemas com os conhecimentos e com os saberes adquiridos e ao trabalho coletivo.

Abstract:

Theme: Active methodologies are a teaching modality that provides the development of autonomy, reflection, problem solving, collaborative work, engagement and cooperation, with the student as the center of learning and the teacher as a mediator in the learning process. However, it is argued that these aspects of active methodologies should be experienced in the training processes of teachers. Context: The context of the research was the Degree course in Sociology at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB), *Campus* of Redenção, CE. Objective: The objective of this research was to identify the extent to which students of the Sociology degree course perceive aspects of the methodologies active in their formative process, through a look at themselves and at the teachers. Method: Quantitative research using a questionnaire. Results: The results indicate that the students feel in their formative process the development of aspects of the so-called active methodologies with regard to the aptitude for solving problems with the knowledge and with the acquired knowledge and collective work.

Artigo recebido em: 04.03.2021.

Aprovado para publicação em: 31.03.2021.

INTRODUÇÃO

As metodologias ativas são uma modalidade de ensino que proporciona o desenvolvimento da autonomia, da reflexão, da resolução de problemas, do trabalho colaborativo, do engajamento e da cooperação, tendo o estudante como centro da aprendizagem e o docente como um mediador no processo da aprendizagem. Compreendemos que, para que o professor em formação possa estar apto a desenvolver estratégias de ensino fundamentadas em metodologias ativas, é necessário não somente tomar conhecimentos dessa metodologia de ensino, como nas disciplinas de Práticas de Ensino, de Didática e em estágios supervisionados, mas também vivenciar, na própria formação, experiências que possibilitem o desenvolvimento de uma aprendizagem autônoma, reflexiva, colaborativa e baseada na resolução de problemas.

Ainda são poucos os estudos que se debruçam sobre o uso de metodologias ativas no ensino de Sociologia na educação. É possível encontrar trabalhos voltados às metodologias ativas no Ensino Médio, mas, para a formação de professores de Sociologia, há uma produção ainda menor. Nesse sentido, o trabalho aqui apresentado tem seu grau de originalidade, mas, mais do que por essa questão, justifica-se pela necessidade de refletir sobre uma formação em que os estudantes vivenciem processos formativos, em vez de apenas aprenderem teoricamente sobre essas metodologias. Desse modo, o objetivo desta pesquisa é identificar em que medida os estudantes do curso de licenciatura em Sociologia percebem aspectos das metodologias ativas em seu processo formativo, por meio de um olhar sobre si e sobre os docentes.

Este texto, além dessa introdução, apresenta, em seções específicas, a metodologia; uma reflexão sobre as metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes; considerações sobre as metodologias ativas e o ensino de Sociologia; uma apresentação do contexto da pesquisa por meio da leitura do Projeto Político-pedagógico do curso de licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); a análise dos dados obtidos na pesquisa e, por fim, as considerações finais que pontuam que os estudantes sentem em seu processo formativo o desenvolvimento de aspectos das chamadas metodologias ativas no que se refere à aptidão para a resolução de problemas com os conhecimentos e os saberes adquiridos e ao trabalho coletivo.

METODOLOGIA

No âmbito de seus objetivos, a pesquisa caracteriza-se como descritiva, aproximando-se de uma pesquisa exploratória, à medida que objetiva construir uma discussão ainda ausente sobre o uso de metodologias ativas na formação de professores de Sociologia. Como uma pesquisa descritiva, realizaram-se o registro, a análise, a classificação e a interpretação dos dados, a partir do uso de técnicas específicas para a coleta de dados, como o questionário. Em relação ao delineamento da pesquisa, no que se refere aos procedimentos técnicos, ela constitui-se como pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, que permite a construção de novos questionamentos sobre determinado contexto (PRODANOV; FREITAS, 2013). Foi realizada uma busca de trabalhos sobre metodologias ativas no ensino de Sociologia, mas o que se obteve foi a percepção da escassez de trabalhos com essa temática. Ademais, para compreender as especificidades do curso de Licenciatura em Sociologia, foram realizadas uma leitura e uma análise de seu Projeto Político-pedagógico. Em relação à abordagem do estudo, caracteriza-se como quantitativo.

O contexto de desenvolvimento da pesquisa foi o curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), *campus* de Redenção, no Ceará. O cur-

so conta com 147 estudantes com matrículas ativas, tendo sido alcançados 34 desses. Realizou-se um questionário *on-line*, composto por questões objetivas que foram veiculadas entre os grupos de WhatsApp dos estudantes. A pesquisa foi realizada no mês de fevereiro de 2021. O questionário foi construído com uma parte de identificação e caracterização dos entrevistados e uma segunda parte com questões referentes à percepção dos discentes sobre os docentes do curso e sobre si mesmos no que se refere ao desenvolvimento de aspectos das denominadas metodologias ativas. É preciso considerar que os procedimentos de pesquisa foram escolhidos no intuito de alcançar um número representativo de estudantes e, também, devido ao contexto pandêmico e às aulas remotas que vivenciamos. Assim, o fato de a pesquisa ter alcançado em torno de 23% da população total do estudo, o que pode fragilizar a mesma, se deve, justamente, à condição de ensino remoto e de encontros virtuais a que fomos urgentemente submetidos. O excesso de tempo no mundo virtual e, em correspondência, o excesso de atividades *on-line* e *off-line* a serem realizadas durante um semestre remoto, podem ter ocasionado, por parte de estudantes, uma falta de interesse por realizar mais uma ação, mais uma tarefa em seus *notebooks*, computadores e celulares, ou seja, um desinteresse em ler um questionário *on-line* e responder às suas perguntas. No entanto, como um estudo que explora de forma inicial essa temática, este estudo se fortalece por inaugurar essa discussão em relação à formação de professores de Sociologia, ciente da necessidade do desenvolvimento de mais pesquisas bem qualificadas.

AS METODOLOGIAS ATIVAS E A PROMOÇÃO DA AUTONOMIA DE ESTUDANTES

O processo de interação social não está, nos dias atuais, atrelado somente à educação escolar, com suas diretrizes de aprendizagem. O mundo está se alterando de maneira simbólica e constante, juntamente aos diversos setores da vida, os quais têm exigido, de maneira crescente, o desenvolvimento da capacidade humana na promoção de suas habilidades, como pensar, raciocinar e agir de formas abrangente e profunda.

A escola, que tem por finalidade o papel de cooperação no desenvolvimento humano, promovendo a socialização, a formação moral e a adaptação das necessidades individuais ao meio social, atua significativamente para que as tensões presentes no cotidiano dos indivíduos sejam amplamente compreendidas, mediante sua aptidão de pensar e repensar. Desse modo, entende-se que os costumes são ensinados e aprendidos para serem projetados nos hábitos diários, enquanto os conhecimentos científicos são ensinados para o norteamento racional dos hábitos.

É de grande importância a compreensão de que existem diversas formas de ensinar e aprender. As alternativas de estudos sobre uma ótica institucional regida pelo controle e pelo estudo autônomo foram assunto de diversos autores, os quais buscaram entender a formação e o desenvolvimento cognitivo diante de várias possibilidades.

Em estudo mais recente de Reeve (2009), o autor enfatiza que alunos que se percebem autônomos em suas interações escolares apresentam resultados positivos em relação: (i) à motivação (apresentando motivação intrínseca, percepção de competência, pertencimento, curiosidade, internalização de valores) (BERBEL, 2011, p. 4).

Essa perspectiva se promove dentro das análises que buscam profundamente entender qual método de ensino está, de fato, ligado a bons resultados no processo de ensino-aprendizagem, atuando na intenção que

emerge da finalidade de valorização do desenvolvimento humano dos indivíduos frente aos melhores métodos articulados nos estudos analíticos das novas tendências pedagógicas.

Mediante as possibilidades de ensino, as metodologias ativas encontram-se como um novo caminho, que tem por finalidade “encontrar soluções para um problema”, como aponta Bastos (2006, s./p.). Essa afirmação articula-se a questões ligadas à interação real de estudantes com o que lhe é proposto aprender. Assim, a participação do professor passa de instrutor direto para orientador, que norteia o estudante em pesquisas e o faz refletir de maneira autônoma sobre o que foi estabelecido para estudar e aprender.

Seguindo essa lógica, pode-se entender que as metodologias ativas se articulam de maneiras diferentes na prática do ensino, juntamente a novas ferramentas que, para os estudantes, são válidas, mas não o são dentro da sala de aula. Esse processo se engaja nos estímulos que estão presentes na concepção de si enquanto um indivíduo que tem em seu desenvolvimento cognitivo uma capacidade de promover a aprendizagem diante do acolhimento de seus pensamentos, ligados ao poder da autoavaliação. As possibilidades de metodologias ativas se diversificam em muitas formas, com a finalidade de que estudantes problematizem seu estudo diante de uma realidade em associação ao seu objeto de análise. Partindo disso, ele escolhe o que lhe foi condicionado e, com sua autonomia, vai à procura da solução para o problema, podendo, assim, encontrar uma motivação interna em alusão à própria vontade e ao próprio desejo de aprender no envolvimento de seu processo de formação.

Assim, a proposição de metodologias ativas no Ensino Superior, especificamente na formação docente, necessita ser discutida. Berbel, em texto de 1995, intitulado “Metodologia da problematização: uma alternativa metodológica apropriada para o Ensino Superior”, apresenta a metodologia da problematização como uma alternativa para a superação da pedagogia da transmissão no Ensino Superior, pontuando que a metodologia de ensino orienta o caminho para o desenvolvimento da aprendizagem de estudantes em determinada perspectiva e que esse caminho é historicamente determinado. Nesse sentido, a autora apresenta seis pontos-chave, que são: (i) o docente, para fazer uso de uma metodologia, precisa primeiramente conhecê-la, sendo a vivência do processo a melhor forma de conhecê-la, para poder refletir sobre ela e, assim, decidir sobre seu uso na sua atuação docente; (ii) as formas de ensinar estabelecem configurações da interação entre docentes e estudantes, bem como entre estudantes e conteúdos que podem influenciar atuações em outros espaços da vida cotidiana; (iii) as metodologias de ensino devem levar em consideração as condições do ensino, da escola, dos estudantes (nível de aprendizagem, possibilidade de participação efetiva) e, dessa forma, precisam ser flexíveis para garantir a aprendizagem; (iv) as mudanças nas metodologias de ensino utilizadas por docentes envolvem um esforço adicional e um adensamento da compreensão dos fundamentos das metodologias de ensino e de suas compreensões histórica e contextual; (v) a formação superior necessita de metodologias que proporcionem o desenvolvimento de habilidades, atitudes e conhecimentos condizentes com as características sociais e culturais; e (vi) novas metodologias simbolizam uma luta política, pedagógica e criativa pela desvalorização do Ensino Superior e pelo reconhecimento profissional de docente.

Dessa forma, para que docentes decidam pelo uso de metodologias ativas na escola, a formação superior deve oportunizar o aprofundamento da fundamentação dessas metodologias e de vivências ancoradas em posturas críticas, reflexivas e problematizadoras. Marli André (2016, p. 9), ao se debruçar sobre perspectivas inovadoras na formação de professores e, especificamente, sobre o professor reflexivo e o professor pesquisador, escreve que:

para que nossa ação docente seja efetiva, ela tem de conseguir fazer com que a maioria de nossos alunos realmente se aproprie dos conhecimentos, das habilidades e das atitudes necessárias para se desenvolverem e se tornarem cidadãos críticos e criativos.

Essa escrita corrobora a concepção de que a dimensão formadora de professores deve contemplar e “articular a prática do saber e o saber da prática, tendo como referência as finalidades da atividade formativa”, como defendem Neusa Ambrosetti e Ana Calil (2016, p. 228).

APROXIMANDO METODOLOGIAS ATIVAS E O ENSINO DE SOCIOLOGIA

A educação escolar, enquanto uma atividade tradicional, apresenta determinados princípios fixos que, ao longo do tempo, são considerados normais, universais, imutáveis e, até certo ponto, melhores em relação a todos os outros. Os referidos princípios caracterizam o professor ou a professora como sujeitos detentores dos conhecimentos e os alunos como seres que só têm o papel de receber o conhecimento, sem nada a partilhar com a turma. É óbvio que todo sistema educacional com essa característica se ampara nos métodos pedagógicos coloniais que elegem o distanciamento e as hierarquias como elementos primordiais e, conseqüentemente, deixam o relacionamento entre aluno e docente negativamente atropelado.

Além de contribuírem para o desmoronamento da educação em seus sentidos real e original, as técnicas do ensino vinculadas aos princípios autoritários e de silenciamento do aprendiz contrapõem-se às atividades de transmissão do conhecimento no campo das ciências sociais, em especial no curso de Sociologia. Enquanto ciência que visa a formar mentes emancipadoras e críticas das realidades socioculturais, a Sociologia só poderia se pautar em metodologias do ensino com equidade, justiça e liberdade, pois só se forma a mente crítica em um ambiente socialmente livre. Portanto, as metodologias ativas no ensino de Sociologia enquadram-se nos esforços de ampliação desse processo de democratização do ensino e da aprendizagem em prol do desenvolvimento da autonomia do(a) aluno(a).

Ana Carolina Silva Torres e Danyelle Nilin Gonçalves decidiram investigar o processo de ensino e aprendizagem da disciplina de Sociologia em uma escola do Ensino Médio em Juazeiro do Norte, no estado do Ceará (Brasil). No final da pesquisa, as duas investigadoras concluíram que o emprego das metodologias ativas no ensino de Sociologia revolucionou a aprendizagem dos(as) alunos(as), porque, com a adoção dessa metodologia, “a participação dos estudantes se deu de forma mais efetiva do que na aula tradicional, especialmente no que tange ao desenvolvimento da argumentação e do questionamento, propiciando uma aprendizagem significativa” (TORRES; GONÇALVES, 2019, p. 1).

Dessa forma, percebe-se que as metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem da Sociologia constituem uma força estimulante do diálogo, da escuta e da atenção dos próprios estudantes. Porém, o papel do(a) professor(a) nesse modelo pedagógico é de suma importância, porque sua aplicabilidade só pode ser efetiva se o educador respeitar e prestar considerações necessárias sobre o conhecimento prévio do aluno. Tomas Tadeu da Silva, em seu livro *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*, publicado em 2010, realça a concepção sobre o currículo iniciada pelos autores críticos e pós-críticos, que o definem como uma construção social, ou seja, como resultado de um processo histórico.

Todo o sistema do ensino formal é sempre condicionado ao currículo, de modo que definir o currículo significa definir o que deve ser ensinado ou estudado e, conseqüentemente, descartar outros conhecimentos considerados irrelevantes. Por isso, na prática escolar, vivem-se sensações de exclusão cultural de certos segmentos sociais. Sendo assim, seguindo Silva (2010), importa indagar: Quais são os conhecimentos que mere-

cem ser ensinados nas escolas “formais”? A quem esses tipos de conhecimentos beneficiam? Quais são os critérios utilizados para selecionar esses conhecimentos e descartar os outros?

Nessa jogada, Silva (2010) identifica o poder como centro de discussão, porque, para ele, quem detém o privilégio e o monopólio do poder é que escolhe o critério e a forma de seleção dos conhecimentos acadêmicos formais, ou seja, é o poderoso que estabelece padrões dos conhecimentos: verdadeiros ou não verdadeiros, importantes ou não importantes e assim por diante. Por isso, o investigador afirma que “selecionar é uma operação do poder. Destacar, entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como ideal é uma operação do poder” (SILVA, 2010, p. 16).

Com essa afirmação, fica claro que os currículos tradicionais são sistemas que atendem um grupo de privilegiados, em detrimento de construção do “outro”. No entanto, a descolonização do currículo passa necessariamente pela luta contra a lógica da construção do “outro”, da hierarquização dos conhecimentos, da efetivação de classes sociais, da universalização cultural e, sobretudo, dos preconceitos epistêmicos nos campos científico e intelectual. É nesse âmbito que a inovação na metodologia do ensino de Sociologia pode ter papel indispensável na transformação desse paradigma curricular socialmente predominante.

No entanto, as metodologias ativas no ensino de Sociologia são técnicas que assinalam a necessidade de ancorar os conhecimentos prévios do estudante e, a partir desses saberes já armazenados na estrutura cognitiva do aluno, desenvolver uma “aprendizagem significativa”. Aliás, nesse campo metodológico, o aluno não é um vaso a encher, mas um sujeito que precisa do ambiente escolar para fortificar suas habilidades. E, sob essa ótica, cabe ao professor ou à professora criar, simplesmente, aquilo que Torres e Gonçalves designam de “pontes cognitivas”.

A Sociologia é uma ciência pautada na desnaturalização sociocultural e na contrariedade a todas as manifestações que visam a fortificar a ideologia hegemônica, colonial e desumanizadora. Dessa feita, a própria natureza da Sociologia enquanto ciência já contrapõe o ensino e a aprendizagem mecânicos, proporcionando a visão crítica e a formação político-ideológica do cidadão, pelo que ela ocupa um lugar primordial nas discussões inerentes à democracia moderna, devido à sua afirmação enquanto ciência transformadora da visão social.

[...] é essencial que os mediadores desse processo – os professores de Sociologia – também desnaturalizem sua prática em sala de aula, questionando-se se os resultados educacionais estão surtindo os efeitos desejados, e, por último, que construam junto com os educandos – que não devem ser vistos como sujeitos passivos no processo de ensino e aprendizagem [...] (TORRES; GONÇALVES, 2019, p. 3).

Esses deveres dos professores de Sociologia, assinalados no trecho anterior, destacam os mesmos princípios defendidos pelas metodologias ativas, daí a razão de comungar o ensino de Sociologia às metodologias ativas em sua plenitude, para poder concretizar a transformação das práticas pedagógicas tradicionais desenvolvidas nas escolas. A aplicação das metodologias ativas no ensino de Sociologia tende a propor um ensino de Sociologia que ultrapasse um simples exercício de transmissão de conhecimento, mas que privilegie reflexões, inquietações, curiosidades, questionamentos etc.

A “pesquisa-ação” utilizada por Torres e Gonçalves durante a investigação permitiu que as autoras descobrissem não só a viabilidade das metodologias ativas na revolução do sistema de ensino de Sociologia, mas também a ligação existente entre a própria “pesquisa-ação” e a prática docente. É nesse âmbito que as autoras afirmam que:

[...] a pesquisa está intimamente ligada à educação e se faz necessário entendê-las como partes integrantes e fundamentais de um único processo: o conhecimento. Cotidianamente, a prática do professor necessita de ser uma pesquisa-ação, a partir do momento em que ele deve refletir sobre sua prática, intervir na realidade e tentar transformá-la da melhor maneira possível (TORRES; GONÇALVES, 2019, p. 4).

Assim como outras metodologias, as metodologias ativas são aplicáveis por meio de certas técnicas e dinâmicas. Sobre esse aspecto, Torres e Gonçalves assinalaram: rodas de conversas sociológicas, que envolvem demais recursos, como exposições dialogadas, debates temáticos, dinâmicas lúdico-pedagógicas, seminários, socialização e pesquisa sociológica. As investigadoras acreditam que, por meio dessas estratégias, é possível propiciar as condições para diálogo e partilha de ideias entre docente e discente, bem como, consequentemente, aprofundar o conteúdo abordado na aula (TORRES; GONÇALVES, 2019).

Pensar sobre a desnaturalização da prática docente no ensino de Sociologia tangencia as reflexões sobre o funcionamento da escola em seu todo, enquanto instituição munida de regras e normas. Cada instituição escolar tem um conjunto de instrumentos legais e, a partir desses instrumentos, a gestão/direção da escola exerce o controle sobre seus agentes. De acordo com Brandão, esses dispositivos legais são expressões das ideologias construídas de forma estratégica para legitimar a violência simbólica no campo educativo, porque:

A ideologia que fala através de leis, decretos e projetos da educação autoritária nega acima de tudo que ela seja uma pedagogia contra o homem – contra a verdadeira liberdade do homem através do saber, liberdade que existe através da verdadeira igualdade entre os homens [...] (BRANDÃO, 2007, p. 96).

No entanto, a mudança que se propõe nesse trabalho não visa apenas a redefinir o comportamento ou a ação do professor ou da professora na sala de aula, mas também a romper com as demais cadeias do sistema burocrático institucional escolar, pois só assim se pode concretizar a afirmação de uma proposta educativa mais equitativa por meio das metodologias ativas.

A tarefa mais importante que se espera do professor no quadro da implementação das metodologias ativas no ensino de Sociologia não é a seleção da quantidade de matéria, conteúdo ou informação, mas a aplicação de técnicas pedagógicas que podem garantir a formação de qualidade e que despertem a curiosidade do aluno. Isso exige do(a) professor(a) certas capacidades criativas para garantir um ambiente dialógico e confortável, permitindo que os alunos emitam suas opiniões de forma autônoma na sala de aula. No entanto, é necessário tomar alguns cuidados, porque garantir autonomia do aluno não deve ser confundido com “balizar questões importantes do conhecimento das Ciências Sociais” (TORRES; GONÇALVES, 2019, p. 1).

De acordo com as literaturas, as metodologias ativas são predominantemente vinculadas às formações técnicas, à graduação e à pós-graduação das áreas das Ciências de Saúde. No campo das Ciências Sociais, os referidos modelos pedagógicos podem ser identificados em vários tipos e essas tipologias podem ser aplicadas em conjunto dentro de uma disciplina, como é o caso da Sociologia. Entre elas, as autoras destacaram as seguintes:

[...] aprendizagem baseada em problemas; pedagogia da problematização; arco de Margueret; estudos de caso; grupos reflexivos e grupos interdisciplinares; grupos de tutoria e grupos de facilitação; exercícios em grupo; seminários; relato crítico de experiência; mesas-redondas; socialização; plenárias; exposições dialogadas; debates temáticos; leitura comentada; oficinas; apresentação de filmes; interpretações musicais; dramatizações; dinâmicas lúdico-pedagógicas; portfólios; avaliações orais (autoavaliação, do grupo, dos professores e do ciclo) (TORRES; GONÇALVES, 2019, p. 4).

A partir das atividades elencadas no parágrafo anterior, é fácil perceber que o uso de metodologias ativas para uma aprendizagem significativa no ensino de Sociologia tem a perspectiva de preparar um sujeito com capacidades argumentativa, autorreflexiva e interpretativa dos conteúdos ministrados. Nesse sentido, o ensino de Sociologia procura desviar cada vez mais da técnica do ensino tradicional, abrindo mais espaço para a democratização do saber e transformando a sala de aula em um lugar de atenção e escuta mútuas entre professor e aluno.

O debate sobre as metodologias ativas não se distancia do pensamento crítico e intelectual do renomado investigador da educação, o brasileiro Paulo Freire, que já teve várias iniciativas e que assinalou a necessidade de reformular o processo de ensino e aprendizagem colonial e homogêneo para uma perspectiva heterogênea. Em sua obra, *Pedagogia do oprimido*, o autor desmistifica a figura do educador enquanto centro do conhecimento acadêmico. Para ele, a educação é um processo em que devem prevalecer a liberdade e a pluralidade de opiniões entre os sujeitos envolvidos (professor e aluno), porque tanto docente quanto discente são educandos e educadores ao mesmo tempo:

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos da autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (FREIRE, 1987, p. 39).

Para Torres e Gonçalves (2019), a roda de conversa é indispensável para a prática das atividades do ensino da Sociologia nessa vertente metodológica, porque é um meio de construção coletiva e oportunidade de cada aluno sair do senso comum de forma voluntária. A roda de conversa faz parte das metodologias que mais contrariam o sistema educacional padronizado, porque, além do papel de despertar a atenção de estudantes, ela também quebra o próprio formato convencional da sala de aula, permitindo trocas de impressões de “vista à vista”. Não obstante, as autoras deixaram recomendações sobre as questões das regras, enfatizando que, no momento de uso das palavras, cada aluno deve compreender a necessidade de ouvir os colegas para ser ouvido. Apesar de ser um lugar para exercício da autonomia individual do aluno, a roda de conversa encarna o princípio de escuta.

Depois da colonização, o modelo educacional vertical herdado continua a pairar nas sociedades até hoje, não só porque o estado segue esse tipo de modelo, mas, sobretudo, porque há um pensamento colonial enraizado nas estruturas mentais de certos profissionais de ensino e aprendizagem, que dificultam a implementação de uma pedagogia mais dinâmica, que pode direcionar os sujeitos que fazem a escola à horizontalização do conhecimento.

Um(a) professor(a) de Sociologia que simpatiza com práticas pedagógicas fundamentadas nas metodologias ativas deve se atentar à estruturação das rodas de conversas e, ao mesmo tempo, às diversidades socio-culturais que compõem a turma, lembrando que o mais ideal nas metodologias ativas é afastar-se das experiências tradicionais da sala de aula, experimentar outros espaços e outros modos de exercer a atividade docente e, por meio disso, ressignificar a atuação profissional de docente da Sociologia, transformando a relação entre aluno e professor de sujeito-objeto para uma relação dialógica.

Rodas de conversas constituem um importante recurso dentro das metodologias ativas, porém, é importante notar que, assim como outras criatividade pedagógicas, sua eficiência relaciona-se à atenção a condições e contextos apresentados pelo ambiente escolar e pelos estudantes, porque apresentam várias complexidades no decurso de sua aplicação, o que acaba por direcionar o(a) professor(a) a questões que se referem

tanto à mediação como à avaliação desse recurso didático. Em relação à avaliação, é importante pontuar que, com base nas metodologias ativas, estudantes poderão ser avaliados de melhor maneira se suas subjetividades forem levadas em consideração pelo(a) professor(a) avaliador(a) no processo avaliativo, porque, diferentemente das metodologias tradicionais, esse modelo pedagógico não coabita apenas com avaliações em suas dimensões objetiva e direta, mas abre o processo avaliativo para além do conteúdo abordado.

O CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO: A UNILAB E O CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

A UNILAB é uma universidade federal interiorizada, criada no âmbito da cooperação com os países do sul-global, em especial os países africanos de língua oficial portuguesa e o continente asiático – no caso, o Timor-Leste. A UNILAB nasce com uma filosofia de pensamento decolonial, no qual estão em diálogo várias perspectivas endógenas e interdisciplinares em todos os campos do saber, sobretudo nas Ciências Humanas (Pedagogia, História, Antropologia, Sociologia etc.). Partindo desse pressuposto, o curso de licenciatura em Sociologia, criado em 2014, surge na construção desse conhecimento multicultural e dimensional, em que se preza pela construção dos “saberes africanos, asiáticos e latino-americanos” (UNILAB, 2016, p. 6).

Ademais,

[...] o curso de licenciatura em Sociologia da UNILAB [...] compõe uma das terminalidades do bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades. Seu papel é promover a formação de profissionais do magistério de Sociologia em um momento de demanda crescente – tanto no que toca à exigência de um mundo escolar local e internacional, como no que diz respeito à emergência da formação política, crítica e reflexiva das sociedades lusófonas (UNILAB, 2016, p. 11).

O curso de licenciatura em Sociologia da UNILAB tem a finalidade não apenas de formar sociólogos, mas também proporcionar conteúdos sociológico-pedagógicos que devem estar relacionados às práticas educativa e metodológica, formando indivíduos voltados à investigação social para atuarem em diferentes realidades sociais, seja no Brasil, seja no Timor-Leste, seja nos PALOP. Entretanto, o curso objetiva:

[...] formar profissionais aptos a atuar em espaços educacionais não escolares – tais como órgãos públicos, entidades populares, movimentos sociais, ONG, dentre outros –, considerando processos e dinâmicas de educação formal, informal e não formal. Nesse sentido, o egresso atuará junto a equipes multi e interdisciplinares, articulando o *métier* sociológico à educação, no âmbito de processos de mobilização social, formação, planejamento e gestão – inclusas dinâmicas de formulação e execução de ações coletivas, projetos, programas, políticas e sistemas no âmbito do Estado e da sociedade civil organizada; [...] formar profissionais para atuação em organizações do Estado e da sociedade civil, com centralidade em ações educacionais, no âmbito de processos de mobilização social, formação, planejamento e gestão – inclusas formulação, execução, gestão e avaliação de ações coletivas, projetos, programas, políticas e sistemas; [...] gerar e socializar conhecimentos críticos e reflexivos das realidades sócio-históricas dos países da comunidade de língua portuguesa e referências ético-políticas que fundamentam visões e posturas transformadoras no magistério e na educação, comprometidas com a construção de Estados e sociedades mais justos, inclusivos, democráticos e interculturais [...] (UNILAB, 2016, p. 14-15).

Ainda assim, o curso preza pela transformação social dos estudantes ingressos e egressos, imbuídos de pensamentos críticos e reflexivos sobre diferentes narrativas sócio-históricas e políticas da vida social, for-

dados para contribuírem com uma educação inclusiva, democrática, emancipadora e inovadora, articulando, assim, a teoria e a prática em sala de aula, como nas comunidades na qual poderão atuar. Nesse sentido, o egresso em Sociologia, durante seu percurso acadêmico, é ensinado a desenvolver algumas competências, a citar:

Promoção da educação contextualizada e efetivação de práticas pedagógicas contextualizadas e comprometidas com os direitos humanos e com transformações sociais que promovam a justiça, a inclusão, a democracia, a interculturalidade e a redução de desigualdades educacionais e escolares; ações que valorizem o trabalho coletivo, interdisciplinar e com intencionalidade pedagógica clara para o ensino e o processo de ensino e aprendizagem; formulação, execução gestão e avaliação de atividades e processos político-institucionais e de ensino-aprendizagem em instituições de educação básica e em outros espaços educacionais, em diferentes escalas; domínio de conteúdos sociológicos e pedagógicos, das diretrizes e dos currículos educacionais da educação básica; apropriação e socialização de referenciais teóricos clássicos e contemporâneos e produção de conhecimento científico na área de Sociologia; articulação de conhecimentos pedagógicos, concepções e dinâmicas didático-pedagógicas à prática e à experiência dos professores das escolas de educação básica, a seus saberes sobre a escola e sobre a mediação didática dos conteúdos; conhecimento multidimensional e integrado da realidade sócio-histórica dos países da comunidade de língua portuguesa; domínio de conteúdos básicos das Ciências Sociais no Brasil e na CPLP, identificando, analisando e comparando as diferentes teorias e metodologias das Ciências Sociais no Brasil e nos demais países de língua portuguesa; domínio de conhecimentos teóricos e práticos – sociológicos, pedagógicos e de outros campos disciplinares – que permitam interlocuções entre teoria e prática, com a proposição de situações sociais e educativas pautadas na ação-reflexão-ação; apropriação, elaboração e aplicação de metodologias de ensino e aprendizagem, contemplando diferentes recursos e estratégias didático-pedagógicas, produção de materiais didáticos e utilização de ferramentas multimídias no ambiente educacional (UNILAB, 2016, p. 17).

Porém, o curso também apresenta algumas características peculiares. Além dos diálogos interdisciplinares, busca dialogar com as escolas situadas no Maciço do Baturité, por meio da disciplina de estágio supervisionado em Sociologia, que visa a acolher professores e professoras, bem como discentes do Ensino Médio, dentro do recinto escolar, a fim de dialogar sobre o funcionamento da escola, sobre as metodologias de ensino e sobre o universo acadêmico-universitário, talvez mostrando-o a esses estudantes. O estágio supervisionado em Sociologia foca a discussão sobre a integração no mundo acadêmico, sobre currículos escolares e sobre a relação entre escola e universidade. Assim, é apresentada aos professores e aos alunos do Ensino Médio a pluralidade que a UNILAB oferece, contribuindo significativamente para a descolonização das mentes de professores e alunos do segmento supracitado. Além disso, o curso tem em sua grade curricular uma carga horária que permite que os estudantes desenvolvam outras atividades complementares e extensivas de caráter obrigatório:

[...] as atividades complementares e de extensão devem ser comprovadas com certificados ou declarações que discriminem as atividades e a quantidade de horas-aula. A coordenação supervisionará e homologará as atividades, sendo essas divididas em: participação em eventos de caráter científico e/ou culturais e/ou sociais, como seminários, congressos, com ou sem apresentação de trabalhos; monitorias; participação em projetos de pesquisa e de extensão; cursos de aprendizagem de novas tecnologias aplicadas ao saber-fazer no campo das humanidades, dentre outras atividades previstas no presente documento (UNILAB, 2016, p. 28).

Essas atividades são desenvolvidas com base em projetos ou em grupos de pesquisa e extensão coordenados pelos(as) professores(as), os quais convidam estudantes interessados em participar deles com

objetivo de equacionar seus conhecimentos dentro e fora da sala de aula. Ademais, essas atividades garantem aos estudantes uma certificação que poderá ajudá-los a, no final de seu ciclo acadêmico, conseguir o grau almejado.

DESENVOLVIMENTO DE ASPECTOS DAS METODOLOGIAS ATIVAS NA FORMAÇÃO DOCENTE EM SOCIOLOGIA

A pesquisa foi elaborada no sentido de compreender se aspectos desenvolvidos pelas metodologias ativas são percebidos pelos licenciandos em seu processo de formação. Obtivemos o retorno de 34 estudantes do curso de licenciatura em Sociologia, de um total de 147 estudantes ativos, o que representa um percentual de 23%. O perfil acadêmico dos respondentes foi identificado da seguinte forma: 79,4% já cursaram mais de metade do curso e 20,6%, menos de metade do curso; 55,9% participam ou participaram de projetos de pesquisa; 70,6% participam ou participaram de projetos de extensão; e 52,9% participam ou participaram do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) ou do Programa de Residência Pedagógica (RP) em Sociologia. Desses dados destaca-se o fato de cerca de 80% dos respondentes já terem cursado mais da metade do curso e de mais de 70% dos respondentes estarem participando ou terem participado de projetos de extensão.

A extensão nas instituições universitárias brasileiras têm avançado nos últimos anos, embora ainda se considere um desafio o entendimento do conceito e do desenvolvimento de ações que vão ao encontro dos princípios da extensão universitária na relação com ações intervencionistas e assistencialistas. A curriculização da extensão e a construção coletiva e compartilhada entre estudantes, docentes, técnicos e atores sociais encontram respaldo nos princípios das ações extensionistas expostos nas Diretrizes da FORPROEX (2012), a saber:

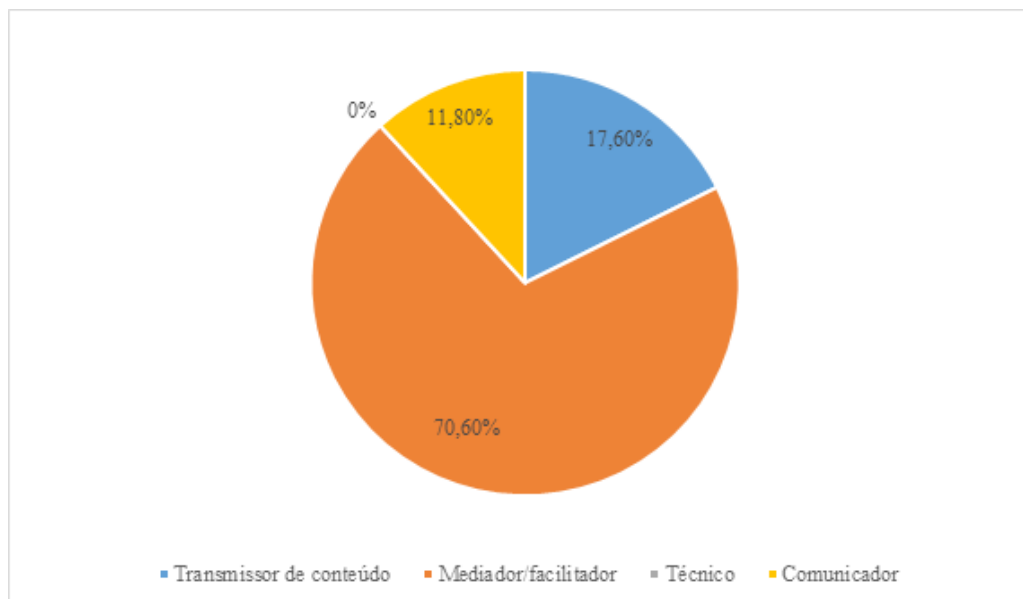
O princípio da *interação dialógica* orienta que o desenvolvimento de relações entre universidade e setores sociais deve ser marcado pelo diálogo e pela troca de saberes, substituindo o discurso da hegemonia acadêmica pela ideia de aliança com movimentos, setores e organizações sociais. A *interdisciplinaridade* e a *interprofissionalidade* implicam a necessidade de considerar de forma integrada os diversos conhecimentos desenvolvidos na universidade nas várias disciplinas e áreas do conhecimento, mediante a construção de alianças intersetoriais, interorganizacionais e interprofissionais. A *indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão* considera que as ações de extensão adquirem maior efetividade se estiverem vinculadas ao processo de formação de pessoas (ensino) e de geração de conhecimento (pesquisa). Já o *impacto na formação do estudante* considera que a extensão possibilita o enriquecimento da experiência discente em termos teóricos e metodológicos e, por isso, deve estar sustentada em iniciativas que viabilizem a flexibilização curricular e a integralização de créditos. O princípio do *impacto na transformação social* reafirma a extensão universitária como o mecanismo pelo qual se estabelece a inter-relação da universidade com outros setores da sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, voltada aos interesses e às necessidades de desenvolvimento social e regional e de aprimoramento das políticas públicas (FORPROEX, 2012). (BENETTI; SOUSA; SOUZA, 2015, p. 26).

Esses princípios, especialmente o da interação dialógica, o da relação ensino-pesquisa-extensão e o dos impactos da formação no estudante e na sociedade, encontram respaldo na educação popular, pois decorrem de um movimento de abertura das instituições de Ensino Superior à comunidade na qual ela se situa. Essa abertura significa que a formação universitária se realiza de forma imbricada no e com o meio social. Contu-

do, a extensão, ao proporcionar, sobretudo, a interação dialógica e a participação ativa de estudantes e ao constituir-se por experiências de resolução de demandas sociais construídas coletivamente, também colabora para o desenvolvimento de aspectos pelos quais as metodologias ativas advogam. Nesse sentido, o fato de mais de 70% dos respondentes estarem participando ou terem já participado de projetos de extensão torna-se relevante para a análise.

Em relação às questões que procuraram identificar se aspectos das denominadas metodologias ativas são percebidas por estudantes em seu processo de formação como professores de Sociologia, obtivemos os seguintes resultados.

Gráfico 1 – Percepção discente sobre o perfil dos docentes do curso de Sociologia



Fonte: Os autores.

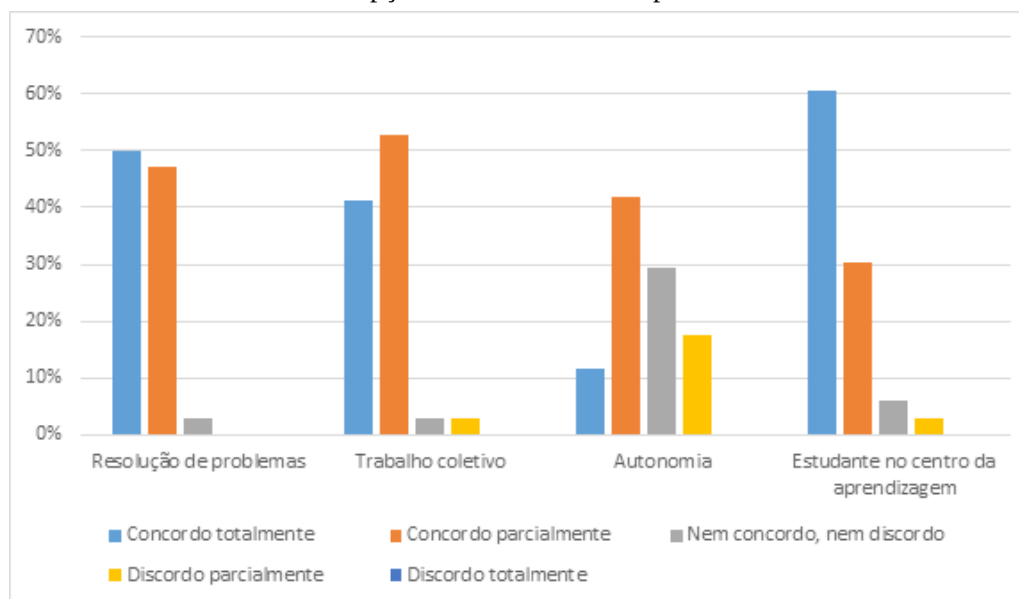
No gráfico anterior, é possível identificar que os estudantes percebem os docentes do curso de licenciatura em Sociologia como mediadores/facilitadores da aprendizagem. Outras duas questões realizadas no questionário sobre a compreensão dos licenciandos em relação aos docentes foram referentes ao (i) incentivo ao engajamento e à cooperação de estudantes no processo de aprendizagem e (ii) à importância dada pelos docentes na participação dos estudantes com comentários reflexivos nas aulas. Em relação à primeira questão, obtiveram-se 58,8% de respostas “concordo totalmente”, 29,4% de “concordo parcialmente”, 8,8% de “nem concordo, nem discordo” e 2,9% de “discordo totalmente”. Assim, cerca de 80% dos estudantes concordam que os docentes do curso de Sociologia incentivam o engajamento e a cooperação no processo de aprendizagem. Em relação à segunda questão, 50% dos estudantes percebem que os docentes consideram muito importante a participação dos estudantes em aula com comentários reflexivos, 47,1% percebem que os docentes a consideram “importante” e 2,9% percebem que os docentes a consideram “razoavelmente importante”.

Entendemos que o professor mediador é aquele que compartilha experiências e conhecimentos e que, conjuntamente, estimula a curiosidade epistemológica sobre o tema, partilhando as intenções de construção de propostas didáticas que possibilitem espaços/tempos de reflexão pelos estudantes e de autonomia na aprendizagem por meio de práticas de integração no desenvolvimento processual da aula. Mellowki e Gau-

thier (2004, p. 551) afirmam, em relação à formação e à competência profissional, que o “que lhe é peculiar é a posse de saberes e de habilidades que lhe permitem garantir a aprendizagem da disciplina e a transmissão de uma concepção específica do mundo”, não “exatamente o domínio da disciplina ensinada”.

Em relação à percepção de estudantes sobre seus processos formativos, questionamo-los em relação ao trabalho coletivo, à autonomia, à resolução de questões e à compreensão de si na centralidade do processo de aprendizagem. As respostas obtidas resultaram nos seguintes dados:

Gráfico 2 – Percepção discente sobre seu processo formativo.



Fonte: Os autores.

Os dados revelam que os estudantes sentem em seu processo formativo o desenvolvimento de aspectos das chamadas metodologias ativas no que se refere à aptidão para a resolução de problemas com os conhecimentos e os saberes adquiridos e ao trabalho coletivo. O ponto de maior variabilidade de respostas relacionou-se à percepção de si e da autonomia do processo de aprendizagem. Contudo, 60% dos respondentes concordam totalmente que eles se situam no centro da aprendizagem. Essa percepção de si é significativa, pois a prática pedagógica desses futuros docentes será também influenciada pelas experiências que tiveram em seus processos formativos e como se percebiam enquanto estudantes nos processos interativos com os docentes, entre estudantes e com os conteúdos. Assim, para que professores se tornem mediadores, é necessário que eles vivenciem em sua formação processos em que seus docentes formadores tenham sido mediadores.

A análise dos dados aproxima-se de aspectos da teoria de Antônio Nóvoa (1992, p. 9), quando escreve que a profissão de professor se caracteriza por ser “fortemente impregnada de valores e de ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana”. As vivências que possibilitam a autonomia e o trabalho coletivo, por exemplo, durante a formação, dizem de metodologias de ensino, de recursos didáticos e de processos interativos nas relações de aprendizagens. A formação profissional como processo dinâmico, contínuo, indeterminado, que ocorre pela interação ao longo da história pessoal e coletiva, constitui-se, também, como um comprometimento com a função de ensinar e consigo mesmo.

O trabalho do professor, além de ser gestão da classe, gestão da matéria, dos conteúdos, de uma transposição didática, é, principalmente, interação com os estudantes, relação entre pessoas, que, ao mesmo tempo, é

social e individual (TARDIF; LESSARD, 2005). A formação de professores ocorre por processos interativos e, assim, embora concordemos ainda com Tardif (2002, p. 20) que o “saber herdado da experiência escolar anterior é muito forte, que ele persiste através do tempo”, defendemos uma formação docente que produza experiências que vão ao encontro das propositivas de Jorge Larossa Bondía (2002), que reflete sobre a educação a partir e por meio da relação entre experiência e sentido. Esse conceito caminha na perspectiva em que vida, experiência e aprendizagem são processos inseparáveis e mutuamente referentes. A experiência educativa tem como função e efeito a percepção de relações e continuidades não percebidas anteriormente e, assim, pela compreensão de outros sentidos, há possibilidades de construção ou geração de novas perspectivas futuras. Para Bondía (2002, p. 21-25), no texto *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”; é, “em primeiro lugar, um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”.

Nesse sentido, a formação de professor precisa ser construída pelo estabelecimento de relações dialógicas e uma construção de participação mútua dos sentidos de aprender e educar. Como nos ensina Hugo Assmann (2003, p. 256), “aprendemos e conhecemos mediante processos solidários de copresença e coparticipação em mundos dos sentidos para os quais não apenas nós mesmos mantemos interfaces comunicativas. [...] Nossos mundos dos sentidos surgem a partir de interfaces com os mundos dos outros”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de identificar o desenvolvimento de aspectos das chamadas metodologias ativas na formação de professores de Sociologia pode ser compreendida como uma forma de analisar e compreender os processos que se desenvolvem na formação por meio de como licenciandos a percebem e de como se percebem nela. Na medida em que a atuação docente se realiza em processos interativos, é necessário que o professor em formação se compreenda também enquanto estudante para refletir e gestar futuras estratégias docentes. Acreditamos que a formação de professores e, especificamente, a formação de professores de Sociologia, que têm seu contexto de atuação também como campo de investigação, objetiva, além da aprendizagem de saberes e habilidades para a transposição didática e a construção de espaços de possibilidade de sentido para os estudantes, o desenvolvimento de uma disposição para a formulação de perguntas, de questionamentos sobre o social e de uma conscientização da possibilidade dinâmica de construção de respostas.

Como dito, a pesquisa aqui realizada contou com questões referentes à percepção de discentes sobre os docentes do curso e sobre si mesmos no que se refere ao desenvolvimento de aspectos das denominadas metodologias ativas. Os principais resultados identificaram que os estudantes percebem docentes do curso de licenciatura em Sociologia como mediadores/facilitadores da aprendizagem. Em relação às percepções sobre si mesmos, os dados revelam que os estudantes sentem, em seu processo formativo, o desenvolvimento de aspectos das chamadas metodologias ativas no que se refere à aptidão para a resolução de problemas com os conhecimentos e os saberes adquiridos, ao trabalho coletivo e à autonomia, compreendendo-se como centro do processo de aprendizagem.

Especificamente nas Ciências Sociais, o encorajamento da autonomia do olhar justifica-se pelo vínculo com a variedade e a amplitude do arcabouço teórico e dos conhecimentos gerais como dispositivos para compreensão e construção de objetos sociais, bem como com a reflexão própria e vivida em relação a um contexto, a um problema social. A Sociologia é detentora de uma linguagem específica, advinda de um campo específico do saber, no qual ela deve ser compreendida pelos estudantes, não só para que esses possam re-

pensar e recriar a realidade a partir desses conhecimentos, mas também para serem levados a compreender a linguagem sociológica inserindo-se em outros processos discursivos e interpretativos. Dessa forma, cabe ao professor, como um mediador no espaço escolar e formador dos educandos, realizar escolhas de concepções e práticas educativas que contribuam para o desenvolvimento da autonomia do educando ao trabalhar na perspectiva da alfabetização científica.

Dessa forma, este trabalho contribui para darmos continuidade ao processo de análise da formação de professores em Sociologia no contexto do curso em que atuamos, mas também serve para refletir sobre a necessidade de que os cursos de formação de professores contribuam não somente com o conhecimento de categorias de análise da prática pedagógica, mas também com o desenvolvimento e a aquisição de conhecimentos que se integram às estruturas interpretativas de si. Se os licenciandos compreendem-se no centro da aprendizagem, percebendo-se como autônomos na construção do conhecimento, suas futuras práticas pedagógicas têm uma possibilidade maior de serem permeadas pelo desenvolvimento da autonomia de seus alunos, bem como eles têm maior probabilidade de se tornarem professores mediadores, como vivenciaram com seus professores em seu processo de formação.

REFERÊNCIAS

- AMBROSETTI, Neusa Banhara; CALIL, Ana Maria. Constituinte-se formador no processo de formar futuros professores. *In*: ANDRÉ, Marli (org.). **Práticas inovadoras na formação de professores**. Campinas: Papirus, 2016. p. 215-236.
- ANDRÉ, Marli. Apresentação. *In*: ANDRÉ, Marli (org.). **Práticas inovadoras na formação de professores**. Campinas: Papirus, 2016. p. 7-16.
- ASSMANN, Hugo. **Competência e Sensibilidade Solidária: educar para a esperança**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BASTOS, Celso da Cunha. **Metodologia Ativas**. 2006. Disponível em: <http://educacaoemeducacao.blogspot.com/2006/02/metodologias-ativas.html>. Acesso em: 8 abr. 2021.
- BENETTI, Pablo Cesar; SOUSA, Ana Inês; SOUZA, Maria Helena do Nascimento. Creditação da extensão universitária nos cursos de graduação: relato de experiência. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 6, n. 1, p. 25-32, jan./jun. 2015.
- BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.
- BERBEL, Neusi Aparecida Navas. Metodologia da Problematização: uma alternativa metodológica apropriada para o Ensino Superior. **Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina**, v. 16, n. 2., p. 9-19, 1995.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, a. 2, n. 19, p. 21-28, jan./abr. 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MELLOUKI, M'hammed, GAUTHIER, Clermont. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 537-571, maio/ago. 2004.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho científico**. 2. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

-
- NÓVOA, António (org.). **Vidas de Professores**. 2. ed. Porto: Porto, 1992.
- SILVA, Tomas Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.
- TORRES, Ana Carolina Silva; GONÇALVES, Danyelle Nilin. Metodologias Ativas no Ensino de Sociologia: Por uma Aprendizagem Significativa. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA EDUCAÇÃO, 6., 2019. **Anais [...]**. Fortaleza: CONEDU, 2019.
- UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). **Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Sociologia** (2016). Redenção: UNILAB, 2016. Disponível em: <<http://unilab.edu.br/sociologia-licenciatura/>>. Acesso em: 22 fev. 2021

